

Lugar de mulher: histórias orais da formação política de mulheres do Movimento Estudantil da UFSC

Woman's place: oral histories of the political formation of Women from the Student Movement at UFSC

Isabela Tosta Ferreira¹

Resumo: Como atividade avaliativa da disciplina de História de Santa Catarina, o presente estudo é uma produção sobre a atuação política de mulheres no movimento estudantil universitário da UFSC na segunda metade da década de 2010. Compreendendo as contribuições da história oral para a historiografia, foram realizadas entrevistas com estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina, de modo a investigar a trajetória dessas mulheres na vida política da universidade e como as relações de gênero foram percebidas por elas ao longo das suas experiências.

Palavras-chave: História oral; Mulheres; Militância; Movimento estudantil; Universidade Federal de Santa Catarina.

Abstract: As the evaluative activity of the History of Santa Catarina discipline, the present study is a production on the politics of women in the university student movement at UFSC in the second half of the decade of 2010. Understanding the contributions of oral history to historiography, interviews were conducted with students of the Federal University of Santa Catarina, in order to research the trajectory of these women in the political life of the university and how gender relations were perceived by them throughout their experiences.

Keywords: Oral history; Women; Militancy; Student movement; Universidade Federal de Santa Catarina.

Introdução

As feministas não deixam de ser femininas, nem são mal-amadas, feias e invejosas do poder masculino. São seres humanos sem consciência dominada, que lutam sem cessar pela igualdade social entre homens e mulheres, entre brancos e negros, entre ricos e pobres².

Ao ler uma publicação da revista *Santa Catarina em História* sobre as mulheres militantes do Diretório Central dos Estudantes no episódio da Novembrada em Florianópolis³, me deparei com questionamentos e problemáticas que na minha experiência pessoal de militância sempre foram muito latentes. A autora, Lídia Bristot (2012), aborda a participação feminina no movimento estudantil, e através de fontes orais, discorre sobre as diferenças entre os gêneros na militância. A partir disso, comecei a refletir sobre as questões trazidas pela autora

1 Graduanda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, militante comunista e feminista classista.

2 SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero Patriarcado Violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2015. P. 100.

3 BRISTOT, Lídia Schneider. Um outro olhar sobre a Novembrada. **Revista Santa Catarina em História**, v. 6, n. 2, p. 50-60, 2012.



e sobre tudo que eu vinha observando desde o início da minha experiência dentro do centro acadêmico⁴ do meu curso, nas gestões de DCE que eu compus e componho, e até mesmo na organização em que milito.

A partir daí começaram a surgir em minha cabeça diversos momentos em que me percebi observando as diferenças entre o tratamento que os meus companheiros de luta recebiam e como a coisa mudava de figura ao falarem comigo ou com alguma companheira mulher⁵. Como o meu companheiro de militância não precisava se inscrever três vezes para defender uma proposta no CA enquanto eu me via prestes a gritar para ser compreendida. Ou seria para ser, pelo menos, ouvida?

Ao ler aquele artigo, senti um estalo na cabeça: os problemas colocados pelas fontes utilizadas pela autora traziam dificuldades que hoje também enfrentamos no movimento estudantil da UFSC⁶. Diversas vezes ouvi das minhas camaradas que elas não se sentiam confortáveis em fazer uma análise de conjuntura num espaço porque sentiam-se muito menos preparadas do que os camaradas homens. Mais vezes ainda, ouvi que se sentiam, pelo contrário, muito mais preparadas para intervir, mas a insegurança sempre latente em nós, aliada à errônea (porém recorrente) compreensão de que aquele não era nosso espaço para falar, as impedia de se colocarem. Os exemplos são inúmeros, e se repetem com mais frequência do que se costuma reparar no cotidiano.

Por este trabalho pretendo, em primeiro lugar, ouvir alguns agentes desses processos: as fontes do artigo são companheiras do Movimento Estudantil da UFSC que me concederam entrevistas sobre suas experiências e como enxergam o mundo em que se inserem. A segunda intenção é analisar, a partir desses relatos, como se dá e se deu a formação política dessas mulheres nos seus locais de atuação na Universidade Federal, além de observar como é, para elas, ser mulher e ter que lutar diariamente contra o papel social que foram socializadas para ocupar. Para finalizar, se visa compreender como as particularidades dessas mulheres, ou seja, o que foi vivenciado por elas, as insere na universalidade do contexto estudado, ou seja, o movimento estudantil da UFSC como parte da sociedade, e não como uma “bolha”, um lugar isolado.

4 No decorrer do artigo será utilizada a sigla CA para centro acadêmico.

5 Para mais elementos, ver também: BORGES, Luana Regina. **Ditadura e gênero: mulheres no movimento estudantil paranaense (1964-1985)**. DE PAULA SILVA, Mayris; DE MENDONÇA, Viviane Melo. **Mulheres no movimento estudantil e as universidades públicas brasileiras da década de 1990: gênero e educação**. Laplage em revista, v. 2, n. 3, p. 180-193, 2016. BRISTOT, Lidia Schneider et al. **Mulheres no Movimento Estudantil de Florianópolis (1975-1979)**. 2014.

6 E não só nele, é claro. Há que se reforçar que o machismo e a opressão de gênero estão em todos os espaços porque nos inserimos numa estrutura que nos molda desde o nascimento para a reprodução desses comportamentos. Mais adiante isso será melhor abordado. Aqui poderia citar também alguma referência neste sentido, para demonstrar que a sua vivência encontra o que já foi estudado/abordado em outros estudos, isso ajuda a embasar e reforçar o que está tratando no seu trabalho.



Metodologia, pressupostos para a análise e a história oral

Como forma metodológica de coleta das fontes, este trabalho se orientou principalmente pelas compreensões acerca da história oral dadas por Verena Alberti⁷, no sentido de seu entendimento sobre o trato com os entrevistados. Se buscou realizar as entrevistas de forma franca e atenta. As entrevistadas são mulheres, companheiras minhas de luta e amigas de todos os dias. Por essa dificuldade em relação ao distanciamento, a condução das entrevistas se deu através de perguntas comuns às entrevistadas, que demonstrassem qual o direcionamento objetivado para as análises. Apesar desse sentido, importante para que eu pudesse confrontar meu objeto de investigação, se almejou não cercear as entrevistadas. A motivação foi o entendimento de que justamente nos mínimos detalhes estão as maiores revelações, desde a escolha de palavras até o tom de voz utilizado para cada momento da narração. Essas questões foram observadas e farão parte da análise das fontes coletadas. inserir algumas palavras para introduzir a citação que vem abaixo, para que ela não fique solta entre os parágrafos.

E a pessoa ri quando na verdade ela queria chorar. Mas ela ri provavelmente para atenuar aquilo que ela está dizendo. Eu acho que a pessoa ri em diferentes circunstâncias e, no caso, não é riso de felicidade ou gargalhada, mas é o riso assim, como uma vírgula depois que a pessoa acabou de falar, um ponto, um parágrafo⁸.

A questão do riso, bem como as alterações de tom de voz e os momentos de pausa também são importantes para a análise da história oral, porque contêm várias marcações da subjetividade do entrevistado ou entrevistada. Esse é um aspecto no qual a história oral se torna muito rica no sentido das possibilidades de análise, pois não só se observa o conteúdo da fala, mas também a forma daquela comunicação. Um aspecto trazido pela autora em relação ao riso são os momentos em que ele pode aparecer até mesmo como forma de distanciamento entre a pessoa que narra e o que ela está narrando, principalmente quando o que se narra gera desconforto. Nessa situação, o riso serve como uma forma de mediação e preservação de quem ouve a narração⁹.

É necessário pontuar que esse foi um primeiro esforço na coleta, construção, escrita e análise de depoimentos de história oral. Não estavam dadas as condições objetivas para que se

7 FREITAS, Antonio Jerfson Lins de; ARAÚJO, Cosma Silva de; SALES, Telma Bessa. "O que essa entrevista está documentando?": entrevista com a professora Verena Alberti. **História Oral**, v. 20, n. 2, p.237-251, jul/dez. 2017.

8 FREITAS; ARAÚJO; SALES, 2017, P. 241.

9 Ibid., P. 241



fosse possível realizar um trabalho minucioso no que compete à coleta das fontes. Da mesma forma, pode ser considerada inicial e sujeita a falhas a metodologia pensada para a condução das entrevistas, pois em diversos momentos percebi dificuldades subjetivas na condução das questões e nas intervenções que fiz.

As entrevistas utilizadas para o presente artigo foram concedidas a mim no dia 5 de junho de 2019. As militantes serão identificadas por nomes fantasiosos, para preservação. Isso não minimiza a importância dessas vozes, que são a parte viva do trabalho. Foram feitas perguntas de forma ampla e utilizando palavras e construções de frases diferentes para cada entrevistada, de acordo com o ritmo das conversas. Como já comentado, a intenção foi de gerar conforto e não interromper as falas delas. Dessa forma, os questionamentos apareceram de formas diferentes, porém com o mesmo significado e intenção.

As entrevistas foram pensadas a partir de três eixos: um inicial, para perguntar a respeito da formação das entrevistadas enquanto militantes; um outro eixo sobre como é ser mulher no movimento estudantil; e um eixo final, sobre a divisão das tarefas e outras questões como o enfrentamento direto ao machismo no meio militante. Para o tópico inicial, foram realizadas perguntas como “como foi para você quando começou a militar?” e “o que te fez começar sua vida militante?”. Com essas perguntas se pretendeu dar início às entrevistas pensando já analisar como se deu o processo individual de cada pessoa e como ele foi sendo construído a partir das relações sociais colocadas.

A partir desse primeiro ponto, os outros dois foram sendo apresentados de formas diferentes, conforme as colaboradoras foram apresentando suas perspectivas. Foram feitas questões como “como você lida com o machismo no seu local de atuação?”; “como foi para você quando teve de realizar enfrentamentos diretos nesses espaços?”; “como é estar numa posição de liderança sendo mulher?”; “como você enxerga a divisão de tarefas?”; entre outras. Com essas questões, se buscou analisar o que o machismo e o papel social colocado para as mulheres interferiram na formação destas militantes, a partir das suas visões pessoais.

As entrevistas

Julia – estudante de Ciências Sociais, militante do CALCS e da UJC¹⁰

10 Respectivamente, Centro Acadêmico Livre de Ciências Sociais e União da Juventude Comunista. O CALCS é o centro acadêmico do curso de Ciências Sociais da UFSC e a UJC é o coletivo de juventude do Partido Comunista Brasileiro.



A entrevista com a Julia partiu do planejado na metodologia. A primeira pergunta feita foi sobre como se iniciou a sua militância, além de indagações como ela compreendia a interferência de ser mulher na sua forma de intervenção nos espaços de militância.

Por essas questões, se motivou buscar nas respostas da entrevistada os seus anseios pessoais, mas também as coisas que se repetem, como já foi levantado na introdução deste artigo. O quê, na fala da fonte oral, aparece quando falamos em machismo e em diferenciações baseadas no gênero? Como, a partir da narração da história de uma militante, podemos perceber as desigualdades de gênero e o que isso reproduz na subjetividade das militantes, dialeticamente também passando a interferir na objetividade de suas ações?

[...] quando eu entrei era um espaço tocado majoritariamente por homens, e homens já muito bem formados no movimento estudantil. Então, eu comecei nessa coisa de reprodução de tarefas... Não tive uma formação, assim... não tive ninguém me ensinando a fazer, ninguém me ensinando a formular política... é, mas a gente começa a quebrar a cara, começa a ter dificuldades de se impor, a gente vai perdendo a segurança né, nesses espaços... quando a gente começa a dividi-los com homens¹¹.

Por esse trecho da fonte, podemos começar um debate sobre as diferenciações que o gênero coloca às mulheres na militância. A noção construída de que a mulher tem um lugar que é diferente do lugar do homem na sociedade está implícita no que a entrevistada coloca. Ela é consciente dessa construção colocada, e deixa implícita sua crítica a ela quando fala da reprodução de tarefas, sem formulação política por trás, dentro do CA. Também é interessante que logo no início da entrevista já venha à tona a questão da formação política, pois é colocado pela narradora a sua dificuldade em se colocar, em falar, nos espaços devido à composição majoritária de homens nele,

[...] hoje dois anos depois [...], só tem... dois homens, tocando o CA. E o resto é tudo mina. E como eu e outras amigas fomos passando por esse processo de uma maneira muito difícil, porque também envolve o nosso psicológico, e tudo mais, **a saúde mental vai lá pra baixo...** A gente vê hoje uma necessidade muito grande de tá formando essas pessoas nas entidades... [...] fazendo esse estímulo, de se formar antes sozinho, e **depois se formar coletivamente**. Porque essa dificuldade que eu passei junto com outras amigas **foram dificuldades que marcaram a gente assim, e que a gente sabe que é pra sempre**. Foi o meu primeiro contato com movimento estudantil e foi um **contato muito traumatizante**. (grifos meus)¹².

11 Julia. Entrevista concedida a Isabela Tosta Ferreira para a produção deste artigo. Florianópolis, 5 de junho de 2019.

12 Ibid.



Então, podemos ver o quão perceptível para a entrevistada é olhar para o seu passado e analisá-lo sob a ótica das desigualdades de gênero e do machismo. Em sua fala são vistos diversos momentos em que essas diferenças são compreendidas, de fato, e situadas dentro de uma estrutura. A colocação da fragilização da saúde mental também é um fator importante para análise e que é cada vez mais explorado tanto no âmbito acadêmico quanto no cotidiano, até mesmo do movimento estudantil:

[...] alguns militantes, e todos eles homens, queriam me deixar à sombra, assim como a outras militantes lá de dentro também, e foi quando eu me organizei e comecei a me impor, e falas e comentários de humilhação querendo me diminuir, assim, na frente de todo mundo. Eram dias que eu não tinha mais vontade de ir pras reuniões do CA, mas que eu via cada vez mais uma necessidade, assim...¹³.

No acima citado, a entrevistada traz experiências de violência que sofreu por ser mulher e estar intervindo num espaço político. A relevância da saúde mental aparece novamente, no momento em que a entrevistada fala de toda a pressão que tinha de enfrentar para estar no seu centro acadêmico debatendo. A marcação da figura masculina como amedrontadora e muitas vezes não convidativa também aparece novamente. Isso chama a atenção para o machismo velado que as militantes enfrentam no seu cotidiano.

Com o debate cada vez mais crescente sobre o combate às opressões dentro do movimento estudantil, muito do machismo escancarado foi sumindo. Algo que pode ser trazido como uma justificativa para isso é justamente o combate que foi sendo feito. Há muito tempo não se vê um militante homem gritando com uma companheira, ou sendo abertamente machista em suas falas. Muito desse comportamento hoje se manifesta de forma velada, e isso também aparece na entrevista

[...] eu acho que as situações de machismo elas vêm mais camufladas, né? Porque a gente tá num movimento de esquerda, a gente tá num movimento marxista, revolucionário... comunista... então, elas não são tão escrachadas assim. E aí as situações de machismo vêm muito mais nessas reproduções de tarefas organizativas, etc... e de inferiorizar a gente, [exasperada] várias vezes, não só dentro das entidades... [...] aquela história né, "se você não consegue, se você não tem... segurança sobre o que você vai falar, não fala, é melhor não falar... não faz a fala", tipo te desencorajando a estar nos espaços... te deslegitimando de uma maneira ou de outra¹⁴.

As formas “ocultas” do machismo também se mostram extremamente relevantes, e interferem concretamente na atuação das militantes. O fato de um militante homem

13 Ibid.

14 Ibid.



desencorajar a fala da companheira, não ouvir o que ela tem a dizer, até mesmo não prestar a mínima atenção ao que ela está trazendo para o debate, estas também são expressões do machismo e precisam ser combatidas coerentemente. A fala da Julia se encerra nesse sentido. Não se trata apenas de reconhecer as situações de opressão, mas lutar para combatê-las entendendo como elas se estruturam, “o principal de a gente estar formando essas novas militantes é a gente fazer com que elas enxerguem essas situações que a gente não enxergou, e que a gente foi sofrendo depois, e que a gente sofre até hoje, por situações que já passaram, né... e que ficam¹⁵. É necessário, segundo a entrevistada, que a formação das militantes mulheres seja garantida, porque isso também nos ajuda e as ajuda a enfrentar essas dificuldades.

Carolina – o relato de uma jovem “muito rebelde e irritada”¹⁶

A entrevista com a Carolina foi a primeira do projeto. Partiu do roteiro pensado e a primeira coisa indagada a ela foi como ela havia começado a militar “[...] uma jovem muito p*tassa [risos], muito rebelde e irritada, militando independentemente no grêmio estudantil do IFSC e na União Florianopolitana dos Estudantes Secundaristas”¹⁷. As primeiras experiências da entrevistada no movimento estudantil não foram na universidade, mas sim no movimento estudantil secundarista. Assim, ela já abre a entrevista demarcando sua personalidade e como isso também influenciou sua formação,

[...] no começo eu era brava de tipo, berrar com as pessoas, assim, e eu tentava fazer isso pras pessoas me ouvirem... mas depois de um tempo eu comecei a perceber que se uma mulher, enfim, grita, berra, ela é tratada de louca e não vai ser escutada, né?... então você aprende mais ou menos a lidar com as dificuldades de ser mulher em um movimento¹⁸.

No primeiro momento, já aparecem as diferenciações de gênero. O comportamento feminino está muito mais aberto a críticas do que o masculino. Se uma mulher grita num espaço, ela é vista como a louca, a pessoa que não tem controle de si. Quando é um homem que faz isso, normalmente o entendimento é de que ele está num momento em que é compreensível gritar, ser grosseiro, “berrar na mesa, bater o punho na mesa, que nem um homem, porque ele vai ser né... o durão... vai ser sério, vai ser mesmo...bravo, enfim, e se a mulher fazer isso ela

15 Ibid.

16 Segundo ela mesma, na entrevista.

17 Carolina. Entrevista concedida a Isabela Tosta Ferreira para a produção deste artigo. Florianópolis, 5 de junho de 2019.

18 Ibid.



vai ser louca”¹⁹. Ou seja, existem papéis colocados para cada gênero, e eles são reproduzidos de forma muito intensa, mesmo por aqueles que buscam combatê-lo, como as feministas militantes, a exemplo de Julia e Carolina.

A questão da dificuldade de formação política que se coloca para as mulheres por conta da desigualdade de gênero aparece também quando pensamos nos começos das trajetórias delas. O receio em fazer perguntas e o medo de não ser “boa o suficiente” são bastante recorrentes, e têm grande impacto formativo, a despeito da desatenção que existe a respeito disso

[...] eu era muito nova, e o pessoal era bem mais velho e já sabia mais das coisas, e começava a falar [...] siglas, enfim, UFES, UCES, UBES, FENET, e... eu... eu não entendia as coisas direito e era muito claro assim como os meninos não tinham problema em perguntar o que que era aquilo, e... eu tinha muito problema de perguntar o que que era aquilo [...] porque eu tinha vergonha de falar que eu não sabia as coisas **como se eu fosse ser invalidada por não saber as coisas de primeira**, assim... e acho que é uma coisa que a gente vê muito **de que se a mulher não souber responder, saber de tudo sobre tudo** [...] ter que **se provar** muito mais... do que um homem tem que se provar, e também não ter medo... **eu acho que o homem não tem medo de errar na frente das pessoas, sabe?**²⁰ (grifos meus).

Esse aspecto da entrevista é bastante tocante porque mostra a concretude dessas desigualdades. Não é mera perfumaria apontar o machismo cotidiano nem uma preocupação com causas menores observar a discrepância que há entre a formação masculina e a feminina no âmbito da política (e não só nele). É fundamental compreender a complexidade da vivência feminina dentro desse arranjo social, porque ela nos molda completamente, da mesma forma com que molda os homens. Também fundamental é lutar para mudar isso cotidianamente

[...] realmente eu me obrigo a falar porque teve um momento em que eu coloquei na minha cabeça que se eu não fosse falar, a maioria das mulheres não ia falar, então ia ficar só um debate entre homens, e acho que não tem que ser assim né, acho que a gente tem que se colocar, então na maioria das vezes eu realmente me obrigo a falar as coisas porque senão é muito difícil que outra mulher faça falas, enfim... no movimento estudantil [...] os homens pegam o microfone pra falar qualquer m*rda, tá ligado, rs [rindo alto] **e eles não tem vergonha nenhuma de falar uma fala toda mal preparada, e... eles nem gaguejam**, sendo que a gente... normalmente eu preparo fala, enfim, é... me concentro, e... ainda fico super nervosa,[...] mas acho que, isso de se obrigar a falar as coisas, é uma coisa muito recorrente assim²¹.

O momento da fala pública é frequentemente o mais difícil. Ambas entrevistadas colocam essa questão com bastante ênfase, e é preciso registrá-la aqui. O aspecto da preparação

19 Ibid.

20 Ibid.

21 Ibid.



e da insegurança colocam as mulheres numa posição de desgaste muito grande. Infelizmente para esta pesquisa não foi possível entrevistar companheiros homens e fazer de fato, uma análise comparativa entre as experiências do gênero masculino e as do feminino. No entanto, por uma questão de percepção da realidade, é difícil imaginar que os companheiros homens passem pelo tipo de pressão que as mulheres. A roupa, a aparência, a postura, o tom da voz, a escolha de palavras, tudo isso é levado em consideração no momento em que uma mulher fala. A insegurança é muito reproduzida e tem peso grande nesses momentos, de modo que não pode ser tratada como algo subjetivo e que não pertence ao debate público. Partindo da compreensão de Marx e Engels de que “não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência”²², os problemas enfrentados pelas mulheres nas suas trajetórias advêm de compreensões subjetivadas por elas a partir da realidade social em que estão inseridas. Logo, este é um problema coletivo, cuja saída também é coletiva.

Singularidades e universalidade

Segundo Verena Alberti (ano), a história oral permite “o acesso a ‘histórias dentro da história’”²³. A partir dessa compreensão foi que se buscou nas fontes orais, as entrevistas, observar o movimento estudantil da UFSC, pensando as relações de gênero, e principalmente, como se dá a trajetória de formação e atuação política das mulheres. Por formação política, entende-se as experiências práticas aliadas à teoria e aos estudos, com vistas à interferência na realidade, objetivando a transformação da mesma. Parte-se da compreensão de Mirla Cisne²⁴ de que existem expressões de hierarquia mesmo entre a classe trabalhadora, ou seja, há opressões que se expressam dentro da organização dessa parte da sociedade e que produzem e reproduzem diferenciações, a saber, a desigualdade de gênero e a de raça, por exemplo. De acordo com Heleieth Saffioti:

O sexismo não é somente uma ideologia, reflete também, uma **estrutura de poder**, cuja distribuição é muito desigual, em detrimento das mulheres. Então poder-se ia perguntar: **o machismo favorece sempre os homens?** Para fazer justiça, **o sexismo prejudica homens, mulheres e suas relações**. O saldo negativo maior é das mulheres, o que não deve obnubilar a inteligência daqueles que se interessam pelo assunto da democracia. As mulheres são “amputadas”, sobretudo no desenvolvimento e uso da razão e no exercício do poder. Elas são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores. Os homens, ao contrário, são **estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelem força e coragem**.

22 MARX; ENGELS; 2009, P. 32 apud CISNE, 2013, P. 52.

23 ALBERTI, 2010, P. 155.

24 CISNE, 2013. P. 43.



Isabela Tosta Ferreira

Isto constitui a raiz de muitos fenômenos, dentre os quais se pode realçar o fato de seguros de automóveis exclusivamente dirigidos por mulheres custarem menos, porque em geral, elas não usam o carro como arma, correm menos e são mais prudentes²⁵ (grifos meus).

A questão do sexismo²⁶ trazida por Saffioti nos ajuda a compreender como se dão as relações entre mulheres e homens não só no recorte do movimento estudantil, mas em todos os espaços. As atitudes de machismo reproduzidas por todos na sociedade capitalista interferem diretamente nas relações sociais, prejudicando, como Saffioti coloca, principalmente as mulheres. A reprodução de papéis sociais que colocam a mulher como a “apaziguadora” e o homem como “perigoso” e “agressivo” para justificar uma dualidade entre fraqueza e força aparecem em todas as falas coletadas. E isso corrobora justamente a compreensão de que há uma superestrutura por trás das ações individuais²⁷.

Ainda buscando compreender quais as origens dessa opressão, e principalmente quais as formas de acabar com ela, Samora Machel (2020) aponta que na realidade o antagonismo que existe na nossa sociedade não consiste nas mulheres em oposição aos homens, mas sim num conflito entre a mulher e a ordem social, “entre todos os explorados, mulheres e homens, e a ordem social”²⁸. Isto porque por trás de um conflito “entre sexos”, existe uma contradição entre classes sociais, cuja manutenção se dá por mecanismos ideológicos e culturais de dominação, como os processos educacionais²⁹ que moldaram por muito tempo e ainda moldam as ações das mulheres, colocando-as em posições que aparecem nas falas das entrevistadas e que são bastante perceptíveis também no nosso cotidiano – como a questão da passividade, da insegurança e da compreensão de inferioridade³⁰.

Por isso é que se torna tão importante não individualizar as situações de machismo e violência. Não se deve relevá-las, é claro, mas é necessário ter em vista o sistema em que aqueles sujeitos se inserem, de modo de que torna-se fundamental buscar formar não apenas os homens mas também as mulheres no sentido da criação de uma nova moral, de novas formas de se relacionar.

Esta compreensão aparece nas falas de ambas entrevistadas, e demonstra a busca pela melhoria da sociedade através da formação, das metodologias pedagógicas e do que chamamos de paciência revolucionária. Se estamos todos inseridos num sistema que nos forma para sermos

25 SAFFIOTI, 2015, p. 37

26 Aqui considerados como desigualdade de gênero, violência de gênero e machismo.

27 “Todo indivíduo é não somente a síntese das relações existentes, mas também da história dessas relações, isto é, o resultado de todo o passado”. GRAMSCI, 1995, P. 40 apud CISNE, 2013, Pp. 30-31.

28 MACHEL, 2020, P. 240.

29 Ibid., P. 238-239.

30 Ibid., P. 238-239.



homens violentos e mulheres passivas, mas também violentas³¹, temos todos a tarefa de não apenas tentar parar de reproduzir esses valores e costumes, como também de ajudar-nos uns aos outros a também combaterem essas desigualdades sem nunca esquecer que estes são problemas estruturais, que só se transformarão na medida que o sistema se transforme também. Temos a tarefa de construir hoje as novas mulheres e os novos homens da nova sociedade.

Conclusão

Este trabalho significou uma primeira tentativa de analisar de forma teórica e consequente as relações entre jovens mulheres e homens formando-se no movimento político. Através da história oral, busquei registrar as impressões das minhas companheiras acerca da realidade em que nós nos inserimos. Em diversos momentos este foi um trabalho difícil para mim, talvez porque eu tenha me visto nas experiências das minhas camaradas, e sentido na pele o que elas também sentiram. Por conta disso, os relatos que pude coletar serão doados ao Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH - UFSC) para que mais pessoas possam voltar-se para este debate e contribuir não apenas para a análise desses processos, mas sua superação. Nossos problemas são coletivos, como também é coletiva a saída para eles. Que possamos consolidá-la juntos, juntas e juntas.

Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 234p ISBN 8522504733.

ALBERTI, Verena. Fontes Orais: Histórias dentro da História. In: PINSKI, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 155-202.

CISNE, Mirla. Feminismo, luta de classes e consciência militante feminista no Brasil. **Rio de Janeiro: UERJ**, 2013.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo, Boitempo, 2019. Pp. 188.

MACHEL, Samora. Os fundamentos da alienação da mulher. In: FAZZIO, Gabriel Landi; MANOEL, Jones; (Ed.). **Revolução Africana: Uma Antologia do Pensamento Marxista**. Autonomia Literária, 2020, Pp. 235-242.

FREITAS, Antonio Jerfson Lins de; ARAÚJO, Cosma Silva de; SALES, Telma Bessa. "O que essa entrevista está documentando?": entrevista com a professora Verena Alberti. **História**

31 No sentido da violência enquanto valor intrínseco da sociedade capitalista. Ver SAFFIOTI, 2015, Pp. 70-71.



Oral, v. 20, n. 2, p.237-251, jul/dez. 2017. Disponível em: <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=issue&op=view&path%5B%5D=41> Acesso em: 02/07/2019

GUZZO, Morgani; WOLFF, Cristina Scheibe. Mobilizações feministas e LGBTQ+ na contemporaneidade: a efervescência dos coletivos na UFSC, em Florianópolis/SC. In: CRESCÊNCIO, C. L.; SILVA, J. G.; BRISTOT, L. S. **Histórias de Gênero**. São Paulo: Edições Verona, 2017.

KOLLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e moral sexual**. Expressão Popular.

PEDRO, Joana Maria. Feminismo e gênero na universidade: trajetórias e tensões da militância. **História Unisinos**, v. 9, n. 3, pp. 170-176, 2005.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. Letra e voz, 2010.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: Mito e realidade**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. 528 p.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. 2. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015. 160 p.

Recebido em 09 de junho de 2019.

Aceito para publicação em 21 de agosto de 2020.

